

A APOSENTADORIA NA SOCIEDADE DO CANSÃO

RETIREMENT IN THE FATIGUE SOCIETY

Glacieli Braga Ferreira Camposⁱ

Helen Paola Vieira Buenoⁱⁱ

RESUMO: O trabalho pode ser compreendido como uma das atividades centrais que estruturam a vida humana, conferindo sentido e identidade ao sujeito na sociedade. Este estudo teve como objetivo compreender as representações sociais do trabalho na contemporaneidade, para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com foco nos temas "trabalho" e "aposentadoria", aliada à análise do livro Sociedade do cansaço, de Byung-Chul Han, que oferece uma crítica contundente ao modelo de sociedade atual. A partir da pesquisa bibliográfica e da leitura da obra de Han, foi possível estabelecer conexões entre os significados atribuídos ao trabalho e as dinâmicas da sociedade contemporânea, marcada pelo desempenho, pela produtividade excessiva e pelo esgotamento físico e psíquico. Assim, o estudo evidencia que o trabalho, mais do que uma atividade econômica, está profundamente ligado às construções identitárias dos sujeitos, concluindo que o processo de aposentadoria deve ser compreendido não apenas sob o ponto de vista legal ou financeiro, mas também psicológico e social, considerando os impactos subjetivos e culturais gerados por essa transição de vida.

Palavras-chave: Trabalho. Aposentadoria. Sociedade do cansaço.

ABSTRACT: Work can be understood as one of the central activities that structure human life, giving meaning and identity to individuals within society. This study aimed to understand the social representations of work in contemporary times. To this end, a bibliographic research was conducted focusing on the themes of "work" and "retirement," along with an analysis of the book The Burnout Society by Byung-Chul Han, which offers a powerful critique of the current societal model. Based on the bibliographic research and the reading of Han's work, it was possible to establish connections

between the meanings attributed to work and the dynamics of contemporary society, which is characterized by high performance demands, excessive productivity, and physical and psychological exhaustion. Thus, the study highlights that work, more than just an economic activity, is deeply tied to individuals' identity construction. It concludes that the retirement process should be understood not only from a legal or financial perspective, but also from a psychological and social standpoint, considering the subjective and cultural impacts brought about by this life transition.

Keywords: Work. Retirement. Fatigue society.

1 INTRODUÇÃO

A aposentadoria marca o momento em que o indivíduo se desliga formalmente do trabalho, encerrando uma rotina construída ao longo de décadas de dedicação às atividades laborais. Essa rotina envolve não apenas a execução das tarefas profissionais, mas também uma série de aspectos que compõem o cotidiano de quem trabalha: os relacionamentos interpessoais, o cumprimento de horários, as metas de produtividade, as cobranças por resultados e a dinâmica de controle hierárquico, entre outros elementos que estruturam a vida profissional.

Smuczec (2022, p. 29) apontou que o ritmo de trabalho intenso é uma das principais características do mundo do trabalho na atualidade, além das “longas jornadas, pressão de tempo, repetitividade e monotonia de tarefas, conflitos de papéis, conflitos interpessoais, isolamento social, falta de poder de decisão e maior controle da força de trabalho.” Vale ressaltar que tais características são representativas deste momento histórico em que estamos inseridos.

A sociedade contemporânea vive em um ritmo acelerado na tentativa de acompanhar a velocidade em que acontecem as mudanças no mundo globalizado regido pelo capitalismo, em que a tecnologia evolui com rapidez, as informações são trocadas instantaneamente e o apelo pelo consumo está em todos os lugares. Neste contexto, as relações interpessoais encontram-se superficiais, as informações são veiculadas com muita facilidade e pressa, a mecanização e o uso de inteligência artificial estão cada vez mais presentes e a busca pelo *ter*, incitada pelo consumismo, direciona muitas das escolhas dos indivíduos. É neste cenário que se constitui a relação entre sujeito e o seu ofício laboral.

A relação entre o indivíduo e trabalho, portanto, está diretamente relacionada com os aspectos socioeconômicos, políticos e culturais da época em que se vive. Além disso, os significados e sentidos dados ao trabalho se modificam conforme evolução da humanidade. Neste sentido, Gomez et. al. (1987) apontam que é dentro de uma perspectiva histórica que a evolução do trabalho humano deve ser examinada, já que não se trata de uma concepção homogênea ou de uma ideia superficial que se aplica de forma indistinta a qualquer atividade que o homem faz para sobreviver.

Complementando a ideia dos autores, Pessôa (2011) aponta que a função do trabalho é mais que um meio para prover a sobrevivência, pois trata-se de um componente básico no processo de

definir quem somos. A formação da identidade, portanto, é uma das funções do trabalho apontada também por Salanova, Gracia e Peiró, porém, de acordo com estes autores (1996), o trabalho possui ainda outras dez funções, descritas por eles como: função integrativa/significativa, função de proporcionar status e prestígio, função econômica, função de interação social, função de estruturação do tempo, função de servir a sociedade, função de desenvolver habilidades, função socializadora; função de proporcionar poder e controle, e função de comodidade.

Ademais, além do papel estruturante que o trabalho tem na vida dos indivíduos, deve-se considerar também o seu papel organizativo. Martín-Baró (1990) pontua que o indivíduo organiza seu tempo e distribui outras tarefas cotidianas conforme as exigências de horário do seu ofício e ainda relaciona a escolha da região de sua residência a partir da localidade onde trabalha. Diante do exposto, o autor enfatiza que o trabalho é o núcleo em torno do qual o indivíduo organiza sua vida pessoal.

Portanto, desvincular-se do trabalho implica em mudanças significativas na vida do sujeito, especialmente para aqueles que, além de ter organizado a rotina a partir da sua atividade laboral (carga horária, natureza da atividade e local), baseou sua identidade exclusivamente na sua profissão. Somando-se a isso, para muitos, o “parar” pode ser difícil devido ao que é preconizado no mundo do trabalho contemporâneo com os seguintes slogans: *Produza! Faça acontecer! Não desista, vai dar certo! Não pare, você consegue!*

Em vista disso, o trabalhador contemporâneo é aquele que se reconhece e se identifica a partir da sua profissão e desempenha suas atividades focado em produzir, dividindo sua atenção com outras tarefas e buscando cumprir as exigências externas e, principalmente, as internas.

Tais características dos trabalhadores da atualidade ficam evidenciadas no livro *Sociedade do cansaço*, escrito pelo filósofo e crítico contemporâneo Byung-Chul Han. No livro, o autor relaciona o estilo de vida da sociedade contemporânea, condicionada à globalização do capitalismo, com o adoecimento mental da população, enfatizando a classe trabalhadora. O autor nos faz refletir sobre como estamos vivendo e como estamos nos relacionando com o trabalho e aponta para o impacto desse modo de viver e de se relacionar na nossa saúde mental.

Deste modo, a partir deste estudo, buscou-se relacionar o livro *Sociedade do cansaço*, de Byung-Chul Han, com a aposentadoria. Para isto, foi feita uma pesquisa bibliográfica a respeito da importância que o trabalho tem na vida das pessoas e sobre os fatores que interferem no processo de aposentadoria. Também foi realizada a leitura de *Sociedade do cansaço* e, com base nas ideias principais do autor foi realizada uma análise que será apresentada neste estudo.

De acordo com Minayo (1994, p.23) a pesquisa pode ser entendida como um processo no qual o pesquisador tem “uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”. Assim, torna-se uma atividade que irá produzir conhecimentos que podem refletir posições frente à realidade, nesse sentido Gil (1994) informa que a pesquisa bibliográfica possibilita uma melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto

Dessa forma, o livro de Han, Sociedade de cansaço, leitura sugerida na disciplina “Pedagogia cultural e suas interfaces com a saúde mental na perspectiva da decolonialidade” do Programa de Mestrado em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, contribuiu de forma

significativa para ampliar as perspectivas teóricas a respeito da temática do trabalho e da aposentadoria.

2 TRABALHO E APOSENTADORIA

O trabalho ocupa um lugar de centralidade na vida das pessoas. A partir dos vínculos laborais, o sujeito organiza sua rotina, se estrutura financeiramente, amplia suas relações sociais, estabelece relacionamentos interpessoais, desenvolve habilidades sociais e comportamentais, aprimora a capacidade cognitiva e constrói sua identidade. Pode-se dizer, portanto, que o trabalho possui inúmeras atribuições na vida do indivíduo.

Neste sentido, para entender a importância funcional do trabalho, Pessôa (2011), apresenta as funções laborais com base nas proposições de Salanova, Gracia e Peiró (1996) comentam que

[...] o trabalho pode exercer [inúmeras funções] na vida das pessoas para que estas obtenham um retorno pertinente para a sua sobrevivência - aquisição dos bens de consumo necessários, controle sobre o meio ambiente, comodidade, saúde, segurança, para a estruturação da sua interação com o meio - estruturação do tempo, senso de disciplina e dever, aquisição e transmissão de normas, crenças e expectativas, interação e aprendizado social e desenvolvimento da identidade - descoberta e desenvolvimento de habilidades e destrezas, atingimento de autonomia e controle sobre a própria vida, reconhecimento, status e prestígio, autoconhecimento, autoconfiança e autoestima, provimento de sentido para a vida e meios para realização pessoal (Pessôa, 2011, p. 13).

De acordo com Martín-Baró (1990), é evidente que o trabalho molda a vida das pessoas e, por isso, pode-se dizer que é a principal atividade que compõe a história humana. Portanto, o vínculo que o sujeito estabelece com seu ofício interfere significativamente em todos os aspectos da sua vida e este elo começa a ser construído desde muito cedo.

Os indivíduos iniciam sua relação com o trabalho comumente no final da adolescência e início da vida adulta e a encerram na velhice com a aposentadoria, na maioria das vezes. Porém, desde a infância já entram em contato com o mundo do trabalho ao verem os pais organizarem a rotina da família a partir do horário do trabalho, ao saberem sobre as atividades laborais que as pessoas com quem convivem desempenham e ao descobrirem sobre uma infinidade de profissões existentes. Pessôa (2011) aponta que as referências estabelecidas na infância influenciam todo o processo de desenvolvimento de carreira profissional do indivíduo.

Conforme a criança vai crescendo, a noção de trabalho vai sendo ampliada. Na adolescência o indivíduo aprende, dentro de suas possibilidades e contexto cultural, sobre as responsabilidades, direitos e deveres da pessoa que trabalha. Além disso, alguns adolescentes começam a vivenciar suas

primeiras experiências profissionais e iniciam o processo de escolha profissional de forma mais contundente.

Donald Super (1910-1994) foi um psicólogo norte-americano que se dedicou ao estudo do comportamento vocacional com profundidade e em 1957 lançou com outros pesquisadores a Teoria do desenvolvimento vocacional na qual postula que a escolha profissional é um processo dado ao longo da vida, desde à infância até a velhice, por meio de diferentes estágios do desenvolvimento vocacional e da execução de diversas tarefas evolutivas (Super, 1957).

Em relação aos estágios do desenvolvimento vocacional, eles foram classificados, conforme apresenta Pessôa (2011) em: i) crescimento - fase da infância (nascimento aos 14 anos); ii) exploração - refere-se ao período da adolescência e início da idade adulta (14 a 25 anos); iii) estabelecimento - tem referência na idade adulta (25 a 45 anos); iv) permanência - também se refere na idade adulta (45 a 65 anos); e v) declínio - referenciado na velhice (65 a 70 anos).

Neste estudo, será explicitado de forma sucinta o último estágio da Teoria do desenvolvimento vocacional de Donald Super, que ocorre na velhice. A respeito deste estágio denominado declínio, Pimentel descreve que no

[...] desengajamento ou declínio (+ 65 anos) - O indivíduo pensa em se retirar do mundo do trabalho ou realizar uma mudança em sua carreira. A tarefa principal é, provavelmente, adaptar-se a um novo self através das mudanças no autoconceito existente, preparando-se para assumir novos hábitos de vida. Para isso, cabe ao indivíduo planejar como viverá uma vez que se retire do mercado de trabalho, o que implica nas seguintes tarefas: a) Desacelerar - diminuir o ritmo de trabalho por conta do abrandamento dos processos físicos e mentais e diminuição de energia; b) Planejamento da aposentadoria - imprimir um ritmo de trabalho mais lento, mudando os padrões de trabalho correspondendo ao declínio das suas capacidades laborais; c) Vida de aposentado – implica na realização de atividades de tipo parcial e desenvolvimento de “hobbies” que passam a substituir a ocupação em tempo integral (Pimentel, 2017, p. 26-27).

Donald Super estabeleceu na Teoria do desenvolvimento vocacional a idade de 65 anos para referir o início do período do desligamento do trabalho, conforme apontado por Pimentel (2017). No entanto, existe uma divergência quanto a isso se considerarmos que, no Brasil, este desligamento pode chegar pouco antes para as mulheres – aos 62 anos, se não fizer parte da regra de transição (Brasil, 2023).

Outra questão sobre a fase do declínio, é em relação a descrição das tarefas “Desacelerar” e “Planejamento da aposentadoria” apresentadas por Pimentel. Na sociedade contemporânea, a diminuição de ritmo é um desafio enfrentado por todos os trabalhadores, independente da fase profissional na qual se encontra, tendo em vista as exigências culturais, econômicas e sociais deste período em que vivemos; e a mudança no padrão de trabalho por conta de um ritmo mais lento é

pouco provável considerando a característica do trabalhador contemporâneo da autoexigência e da autocobrança, além da sua preocupação em atender as cobranças externas.

Portanto, dentro do contexto histórico atual, tarefas que envolvam organização financeira, cuidados com a saúde física e mental, engajamento em atividades prazerosas que não envolvam metas de produção, podem ser mais adequadas para o indivíduo que está se preparando para se desligar do trabalho, de se aposentar.

De acordo com Fôlha e Novo:

[...] etimologicamente, aposentar-se vem do verbo latino intransitivo “*pausare*”, que significa pousar, parar, cessar, descansar, tomar aposento. Corresponde, em francês, ao verbo “*retirer*” ou “*retraiter*”, cujo sentido é retirar-se, isolar-se, recolher-se em casa, e em inglês, ao verbo “*to retire*”: ir embora, recolher-se (Fôlha e Novo, 2011, p. 3).

A respeito do surgimento da aposentadoria, há registro que apontam que a aposentadoria começou a ser introduzida no final do século XIX, nos países industrializados, quando foi instituída como uma forma de assegurar sustento de vida aos trabalhadores idosos que enfrentavam a situação da mendicidade por não terem mais condições de trabalhar. No entanto, com a evolução histórica e as mudanças no mundo em diversos aspectos, o antigo caráter da aposentadoria se transformou e passou da representação de esmola do Estado para um direito dos trabalhadores (Fontoura, Doll e Oliveira, 2015).

Diante do exposto, pode-se dizer que a aposentadoria é considerada um direito do cidadão e, com base na sua etimologia, representa a desvinculação do indivíduo de suas atividades laborativas.

O afastamento do trabalho pode gerar sentimentos ambíguos, pois ao mesmo tempo que o indivíduo pode experimentar o sentimento de liberdade também pode entrar em crise por não aceitar a condição de aposentado, devido à estigmatização da imagem vinculada à inatividade (Santos, 1990).

Complementando, Zanelli e Silva (1996) apontam que a aposentadoria pode ser vista como prêmio, um júbilo, uma recompensa pelo período e pelo esforço depreendido ao longo da trajetória profissional, possibilitando a concretização de projetos e sonhos que foram deixados de lado durante a vida. Porém, ainda na perspectiva dos autores, o sentimento em relação a aposentadoria oscila entre prêmio e renovação e a desesperança.

Assim sendo, o momento da aposentadoria pode ser acompanhado tanto por sentimentos de medo, dúvidas e angústias como também de realização e, por isso, o processo de aposentar-se se constitui como sendo único e diferenciado para cada pessoa (Zanelli, Silva e Soares, 2010).

Neste sentido, França e Soares (2009) argumentam que a adaptação à aposentadoria é influenciada pelo tipo de vínculo e o grau de satisfação que o indivíduo tem com o trabalho e, também, pela forma como encara as mudanças, o futuro, como percebe as condições e possibilidades em realizar outras atividades fora do âmbito institucional.

Na sociedade contemporânea, a relação existente entre sujeito e o seu trabalho é de intimidade, pois o indivíduo passa grande parte do dia e da vida dedicando-se intensamente as suas atividades laborativas, constrói laços de amizade e muitas vezes tem sua imagem atrelada a sua profissão, de forma que sua identidade passa a ser definida a partir daquilo que se faz.

Portanto, a decisão de se aposentar na atualidade, é influenciada por fatores psicológicos, econômicos, históricos, políticos e culturais, tais como: a legislação vigente com os critérios para aposentadoria; o vínculo do indivíduo com a sua profissão; o significado atribuído pelo indivíduo ao ato de trabalhar; os aspectos culturais que dizem respeito aos estereótipos ligados ao aposentado; e ainda pela necessidade de atender às exigências socioeconômicas da época em que se vive.

Deste modo, pode-se dizer que o processo da aposentadoria, embora seja vivenciado de maneira única por cada pessoa, também é complexo no sentido de que é influenciado pelos sentidos e significados atribuídos ao trabalho dentro do contexto histórico-cultural no qual o indivíduo está inserido, e no caso da sociedade contemporânea, o trabalho representa atividade e produtividade.

3 SOCIEDADE DO CANSAÇO

Sociedade do cansaço (2015) é um livro que trata de analisar as características da sociedade atual, constituída por indivíduos ocupados em produzir sempre mais e sem cessar, e as relacionar com o adoecimento mental da população. Este livro de ensaio provoca a reflexão acerca do modo como estamos vivendo atualmente, sobre como as pessoas estão lidando com a autoexigência e a autocobrança e sobre o impacto que esse modo de viver tem trazido para a saúde mental das pessoas.

O autor do livro, Byung-Chul Han, é um sul-coreano naturalizado alemão, e trabalha como professor de Filosofia e Estudos Culturais em Berlim. Estudou Filosofia, Literatura e Teologia e é considerado um dos principais filósofos críticos da contemporaneidade. Em suas obras, Han se dedica a analisar criticamente fenômenos muito atuais como a cultura do trabalho desmedido, a tecnologia ou os efeitos da globalização do capitalismo.

Em *Sociedade do cansaço*, Han apresenta inicialmente a ideia de que a positividade está relacionada com as principais doenças mentais do século XXI, tais como depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de burnout (SB), referidas por ele como as doenças neuronais.

A positividade ao qual o autor se refere diz respeito a expressões afirmativas, utilizadas no sentido de estimular, encorajar e não deixar desistir. Tais ideias podem ser representadas pela expressão “*Yes, we can*”, que passa a mensagem de que podemos realizar e conseguir o que desejarmos e que o resultado bem-sucedido depende do esforço do indivíduo.

Han (2015) esclarece que esta positividade é a marca da sociedade do século XXI, designada por ele como sociedade do desempenho. O autor explica que a sociedade do desempenho sucede a sociedade disciplinar de Foucault, em que a obediência, o dever e a negatividade eram suas características principais. Assim, por serem gerações que se sucedem, os sujeitos do desempenho,

embora guiados pela ideia de *poder*, continuam disciplinados, mas direcionam à obediência a si mesmo, tornando-se senhores e soberanos de si mesmos, conforme escreve o autor, que complementa:

Essa auto referencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal (Han, 2015, p. 30).

Portanto, o fato de que o sujeito do desempenho não está submetido a uma autoridade externa que o obrigue a trabalhar o torna, paradoxalmente, submisso a si mesmo. Essa aparente liberdade, segundo Han (2015), constitui uma armadilha da sociedade contemporânea, na qual a coerção é internalizada sob a forma de autocobrança. Ao acreditar que age por livre escolha, o indivíduo passa a explorar a si próprio, assumindo simultaneamente os papéis de vítima e de algoz. Nesse cenário, a liberdade torna-se ilusória, pois está a serviço de um sistema que exige desempenho, produtividade e autoaperfeiçoamento constante, levando ao esgotamento físico, psíquico e emocional.

O autor aponta como uma das consequências do excesso de positividade a mudança radical na estrutura e economia da atenção. Han explica que o sujeito do desempenho, por receber vários estímulos, informações e impulsos, precisa lançar mão da técnica de atenção denominada *multitasking* (multitarefa). No entanto, o autor refere que essa técnica representa uma involução, pois faz-se necessário o uso da atenção profunda e contemplativa para o desenvolvimento cultural.

Além da positividade, outra característica do mundo pós-moderno é a transitoriedade. De acordo com o autor, atualmente nada é duradouro e estável e, por isso, “reagimos com hiperatividade, com a histeria do trabalho e da produção”. Concomitante a isso, o autor declara sobre a dificuldade que possuímos de parar e de fazer interromper.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura do livro *Sociedade do cansaço* pode-se dizer que a sociedade da qual fazemos parte, tem convivido com doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, síndrome de burnout, entre outras, por conta da exaustão e do esgotamento provenientes do estilo de vida que levamos.

O excesso de positividade presentes em expressões motivacionais como “*Yes, we can*” interfere na forma como as pessoas têm se dedicado ao trabalho, buscando produzir muito e dar conta de realizar várias tarefas ao mesmo tempo, o que reflete no aumento da autocobrança e na dificuldade em dar pausas.

Portanto, para os sujeitos do desempenho, aposentar pode ser uma tarefa difícil. Muitas pessoas que já atendem aos critérios para aposentadoria, por exemplo, não o fazem de forma

voluntária por sentirem a necessidade de continuar produzindo, por se exigirem dar sempre mais da sua capacidade.

No entanto, aposentadoria não significa parar por completo. É de fundamental importância que o indivíduo aposentado busque alternativas prazerosas para aproveitar o tempo livre, sem autocobrança, sem explorar a si mesmo, mas buscando qualidade de vida para o novo ciclo que se inicia, a fase pós-aposentadoria.

Fazer pausas é muito importante, descansar é necessário. Precisamos repensar nossos comportamentos que são reflexo cultural e social da sociedade contemporânea para termos melhor qualidade de vida e saúde mental.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Trabalho, Emprego e Previdência. Solicitar aposentadoria por idade urbana. Portal gov.br, 21 maio 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/solicitar-aposentadoria-por-idade-trabalhador-urbano>. Acesso em: 29 jun. 2023.

FRANÇA, L. H. F. P.; SOARES, D. H. P. Preparação para a aposentadoria como parte da educação ao longo da vida. *Psicologia Ciência e Profissão*, 29 (4), 738 751, 2009.

FÔLHA, F. A.S; NOVO,L. F; Aposentadoria: significações e dificuldades no período de transição a essa nova etapa da vida. [Anais eletrônicos...]. XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, II Congresso Internacional IGLU. Instituto de Pesquisas e Estudos em Administração Universitária. Florianópolis, dez-2011. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/26133>. Acesso em: 2 abr. 2025.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1994.

GOMEZ, C. M. et al. Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.

HAN, B.C. Sociedade do cansaço. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MARTÍN-BARO, I. Accion e ideología: psicología social desde centroamérica. El Salvador: UCA Editores, 1990.

MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994.

PESSÔA, R. C. Maturidade de carreira e desempenho acadêmico em estudantes do ensino fundamental. 2011. 90 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011.

PIMENTEL, A. C. Bacharelado interdisciplinar em saúde: um novo modelo de formação acadêmica ou uma via de acesso ao curso de medicina? 2017. 81 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Universidade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

SALANOVA, M.; GRACIA, F. J.; PEIRÓ, J. M. Significado del trabajo y valores laborales. In: PEIRÓ, J. M.; PRIETO, F. (Eds.). Tratado de psicología del trabajo. Vol. 2. Aspectos psicosociales del trabajo, pp. 35-63. Madrid: Síntesis, 1996.

SANTOS, M. de F. de S. Identidade e aposentadoria. São Paulo: EPU, 1990.

SMUCZEK, M.I.W. O trabalho e a aposentadoria: conexões estabelecidas através de programas de preparação para aposentadoria. 2022. 97 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Política Social e Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2022.

SUPER, D. et al. Vocational development: a framework for research. New York: Teachers College Press, 1957.

ZANELLI, J. C.; SILVA N. Programa de preparação para aposentadoria. Florianópolis: Insular, 1996.

ZANELLI , J. C., SILVA, N.; SOARES, D. H. P. Orientação para aposentadoria nas organizações de trabalho: construção de projetos para o pós carreira. Porto Alegre: Artmed. 2010.

Recebido em: 1 de fevereiro de 2025.

Aprovado em: 17 de junho de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/reps.v16i1.13436>

ⁱ Glacieli Braga Ferreira Campos. Psicóloga técnica da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) com especialização em Terapia Cognitivo-Comportamental pelo Instituto de Terapia Cognitivo-Comportamental (ITCC) e mestrandia em Estudos Culturais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0580455003540533>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-6543-4901>

E-mail: glacieli.campos@ufms.br

ⁱⁱ Helen Paola Vieira Bueno. Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), pesquisadora do Laboratório de Saúde Mental e Qualidade de Vida do Trabalhador/CNPq, do Laboratório Interdisciplinar de Estudos Culturais (LindeCult)/CNPq, do Laboratório de Estudos em Diferenças em Linguagens (LEDLin)/CNPq e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Acessibilidade e Laboratório de Ações Escolares Inclusivas (GEPA/LABAC/CNPq). Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6196127024547132>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2013-7800>

E-mail: helen.bueno@ufms.br